

Reflexões sobre o papel social da mulher catadora de caranguejo da comunidade amazônica de Caratateua, Bragança – PA¹

Reflections on the role of social caranguejo gleaner woman amazon community Caratateua,
Bragança, PA

Simone Paes de Araújo¹

Dirceu Milani²

Resumo

O referido artigo tem como objetivo analisar a posição social da mulher na Vila de pescadores de Caratateua, município de Bragança-Pa. A pesquisa tem como base metodológica a observação direta. Para a pesquisa de campo realizou-se diálogos informais e estudos comparativos junto às mulheres catadoras de caranguejo. Os dados coletados foram organizados, categorizados, de modo que foi possível compreender elementos importantes na posição social que a mulher caratateuense ocupa em relação ao homem coletor de caranguejo do local. O referencial teórico adotado baseia-se na pesquisa de Maria Angélica Motta-Maué e contribuições de autores como: Lucinaldo S. Blanditt, Élio de Jesus Pantoja Alves, Cristina Maneschy, Raymundo Heraldo Maués, Lourdes G. Furtado e outros. A pesquisa destaca alguns aspectos gerais do lócus em estudo, o processo de coleta, comercialização e catação do caranguejo evidenciando o papel da mulher neste contexto. Ao término desta análise conclui-se que a maioria das mulheres em Caratateua assume em relação ao homem uma condição de inferioridade, sujeição e dominação. Constatou-se também que a atividade da mulher é percebida como uma relação carregada de significados e valores culturais. Em síntese, constatou que a mulher catadora de caranguejo em Caratateua, exerce essa profissão, por não ter oportunidade de conseguir outra profissão, devido seu reduzido grau de escolaridade e porque necessita complementar a renda familiar que é muito baixa.

Palavras-chave: Caranguejo. Identidade. Mulher Catadora.

¹ Professora da FABRA - Faculdade de Bragança. Mestranda em Ética e Gestão - Faculdades EST. Especialista em Saberes Culturais e Educação Amazônica Universidade Federal do Pará. Licenciada em Ciências Sociais - Universidade Federal do Pará- Campus de Bragança. samarapaes2@gmail.com

² Reitor da FABRA - Faculdade de Bragança. Mestrando em Ética e Gestão - Faculdades EST. Especialista em Atendimento Educacional Especializado- Faculdade Pan Americana – Capanema. Graduado em Teologia – Faculdade Pan Americana- Capanema. idema.ma@hotmail.com

Abstract

The article aims to analyze the woman's social position in Caratateua, fishing village-the city of Bragança-Pa. The research has the methodological basis of direct observation. For the field research was conducted informal dialogues and comparative studies with women crab pickers. Data were organized, categorized, so that it was possible to understand important elements in the social position that caratateuense woman occupies in relation to the man crab collector site. The theoretical framework is based-in the Maria Angelica Motta research-Maués and contributions of authors such as: Lucinaldo S. Blanditt, Elio Jesus Pantoja Alves, Cristina Maneschy, Raymundo Herald Maues, Lourdes G. Furtado and others. The survey highlights some general aspects of the locus under study, the process of collecting, trading and scavenging crab highlighting the role of women in this context. At the end of this analysis it concludes - that most women in Caratateua assumes in relation to man an inferior condition, bondage and domination. Found-also that women's activity is perceived as a loaded list of meanings and cultural values. In summary, we found that the crab picker woman in Caratateua, exercises this profession, having no opportunity to get another job because their low level of education and because it needs to supplement the family income is very low.

Keywords: Caranguejo. Gleaner Woman. Identity.

Considerações Iniciais

Dentro de um quadro crescente da Antropologia realizada na Amazônia, que busca aprofundar e diversificar os conhecimentos sobre as mulheres em comunidades pesqueiras da região, este estudo visa o entendimento do papel social dessas mulheres em uma pequena comunidade de pescadores, onde a maioria dessas mulheres exerce a profissão além de dona de casa, de catadoras de caranguejo³, atividade esta, que juntamente com a pesca e a coleta de caranguejo permeiam a economia da vila de pescadores de Caratateua, município de Bragança, região nordeste do Estado do Pará.

Baseado no estudo de MOTTA-MAUÉS⁴ em que descreve o status das mulheres em uma comunidade de pescadores chamada Itapuá em 1975, onde foi observado que a mulher possui um status de inferioridade, sujeição e dominação e assume em relação ao homem uma posição de total dependência, o que quase sempre acontece em todas as sociedades.

Em consonância as afirmações acima, este trabalho descreve a partir de um estudo comparativo, que essa condição de inferioridade, sujeição e dominação feminina, também está presente na vila de pescadores de Caratateua, onde a mulher impedida de ir ao mar ou

³Profissão que consiste no processo pelo qual a carne do caranguejo é retirada das regiões da pata e do peito.

⁴MOTTA – MAUÉS, Maria Angélica. *“Trabalhadeira e Camarados”*. Relações de Gêneros, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. 1ª edição. Belém: Editora Universitária, 1993.

mangue devido a estados biológicos⁵ resta-lhe o trabalho de catar caranguejo, visto que no contexto estudado, esta atividade, é percebida como uma relação carregada de significados e valores culturais, maior que a simples operação financeira definida pela racionalidade econômica.

Em geral, as mulheres da comunidade são tidas como inferiores ao homem, pois a maioria destas exerce dentro da vila um papel de submissão em relação ao homem pescador e/ou coletor de caranguejo⁶, enquanto que elas são catadoras de caranguejo. Atividade realizada para complementar a renda familiar, sendo que a maior renda da família é do homem e é este também que coleta o produto (caranguejo) que as mulheres. Embora a maioria tenha como profissão a catação do caranguejo, já é possível encontrarmos: professora, enfermeira, costureira, comerciante, etc, que um dia desenvolveram a atividade de catadora.

Assim, o trabalho descreve por meio de observações dos hábitos cotidianos da vivência das mulheres e dos homens, mostrando o que mulheres, a se submeter ao trabalho de catadora de caranguejo e o motivo pelos quais a maioria destas não consegue outra atividade econômica. Para tanto, a pesquisa destaca alguns aspectos gerais do lócus em estudo, o processo de coleta, comercialização e catação do caranguejo evidenciando o papel da mulher neste contexto

Aspectos Gerais da comunidade Amazônica do Caratateua.

De acordo com o trabalho de Blandtt⁷, 1999 e com a memória dos moradores mais antigos da Vila de Caratateua, por volta do fim do século XVI e início do século XVII a cinco quilômetros pelo rio distante, foi construído um casarão com dois andares de frente para o rio Caeté, por Guardino Barreto, casarão este que foi habitado por uma rica família portuguesa que fundou uma fazenda com engenho de cana-de-açúcar e senzala. Próxima da li, possivelmente existia uma aldeia dos Tupinambás, por isso, ao lado do casarão criou-se uma pequena povoação de negros e índios.

⁵ Mestruação, resguardo, menopausa.

⁶ Trabalhador responsável pela captura do caranguejo no manguezal.

⁷ BLANDTT, Lucinaldo S. "O homem e o recurso caranguejo: economia e educação". Monografia. Bragança, UFPA, 2000.

As atividades de pesca e posteriormente da tiragem do caranguejo, eram atividades já utilizadas pelos índios para o sustento, o que era novo era a dependência do homem com os recursos do manguezal, principalmente o caranguejo, só que essas atividades econômicas comunitárias não permitiram a produção para exportação, o que deixava Caratateua isolada do desenvolvimento.

A Vila de pescadores de Caratateua localiza-se no município de Bragança, região nordeste do Estado do Pará, foi fundada provavelmente pelos colonizadores portugueses entre o século XVI e XVII, situa-se a 18 km da sede municipal, limitando-se pelo litoral com a margem direita da foz do rio Caeté e pelo interior com as comunidades de Rio Grande, Taquandeuá e Treme. Ambas formam oficialmente o distrito do Treme. Alves⁸ (p. 4, 1998) relata que:

Sendo o maior núcleo de povoamento no sentido do litoral e o principal povoado localizado as margens do rio, a comunidade assume um importante papel na concentração e dispersão de trabalhadores na região e, também, por aglutinar uma população que atua em atividades diversificadas. O rio Caeté apresenta-se como elemento fundamental para aqueles que lidam com os recursos do mar-pescadores, coletores e intermediários (marreteiros), e que têm suas atividades influenciadas pela dinâmica da sazonalidade que o rio sofre.

O acesso à comunidade se dá tanto por via terrestre como marítima. O acesso terrestre se dá através de dois ramais a partir da estrada Bragança-Vizeu, sendo as duas vias principais de escoamento dos produtos e de movimento de passageiros. Além de carros particulares, o meio de transporte mais acessível aos moradores locais é o ônibus que sai diariamente da comunidade.

O acesso marítimo é feito por barcos da comunidade que vão a Bragança para efetivar a venda do pescado a seus patrões⁹ e aproveitam para levar mulheres e filhos que vão as compras. Alves (p. 5, 1998) relata que:

⁸ ALVES, Élio de Jesus Pantoja. Relatório das “Formas de Utilização Social do Manguezal no Litoral do Pará, o caso de Bragança.” Belém, 1998.

⁹ Indivíduos que podem ser comparados com os “armadores”, categoria muito presente na literatura sobre a pesca no litoral do Pará. São pequenos e médios empresários de pesca, proprietários de embarcação e dos apetrechos de pesca.

É válido mencionar que antes das estradas, a principal via de transporte e mesmo as comunicações se davam através do rio caeté, quando as viagens eram mais demoradas. Atualmente o tempo das viagens foi bastante reduzido e o fluxo de comercialização deixou de ser exclusivamente por via marítima. Essa mudança favoreceu a presença de intermediários de fora, enquanto que os comerciantes locais donos de mercadorias passaram a sofrer concorrência. Essa situação é mais agravada na medida em que a atividade pesqueira passa a coexistir com a coleta do caranguejo.

As fontes de alimentação e comercialização de maior intensidade da comunidade são: a pesca, a coleta do caranguejo e a coleta do sururu. Com menor intensidade podemos destacar: o camarão, o turú, o siri, a carne de gado que só é vendida nos finais de semana, a criação de animais e produtos agrícolas.

A pesca trabalho exclusivo para os homens que saem para o mar e quando voltam, dependendo do tipo de pescaria, vão até Bragança vender o peixe ao seu patrão quando retornam dividem o quinhão¹⁰ dos pescadores, os arrais¹¹ separa em porções iguais, logo após a divisão de quinhão, alguns pescadores vendem alguns quilos, dependendo da sua necessidade ou dão a amigos que pedem na hora da chegada dos barcos.

A coleta do caranguejo tem grande importância para a comunidade já que pode ser capturado o ano inteiro e é trabalho garantido tanto para os homens como para as mulheres. Muitos homens preferem a coleta do caranguejo em vez da pesca, por não ser necessário dispor de equipamentos nas atividades, por ter remuneração rápida e por permanecer mais tempo perto da família, diferente da pesca em que os homens passam muito dias distante dos familiares. Além de ser trabalho garantido é também uma alimentação importante que é aproveitada até a gordura que se encontra na casca e eu muitas pessoas usam para preparar com arroz ou macarrão, ou comem com farinha de mandioca.

O sururu além de ser uma importante fonte de alimentação é também uma fonte econômica. No período de grande produção da coleta do sururu é o verão, pois é tempo da água salgada e ele se reproduz, por tanto a partir do mês de setembro até aproximadamente

¹⁰ Trata-se de porções de peixes destinado ao indivíduo como resultado de uma pescaria. Pode ser entendido também como parte da divisão da produção.

¹¹ É o responsável pela tripulação. É o indivíduo que toma as decisões na tripulação. Em outros locais de pesca é geralmente conhecido com “encarregado”.

o mês de março muitas mulheres deixam a catação do caranguejo para se dedicarem à captura e catação do sururu, que ao contrário do caranguejo é trabalho permitido para as mulheres e crianças, por isso, famílias inteiras entram no rio para tirarem o sururu.

A pesca, a coleta do caranguejo e do sururu são as fontes de alimentação e comercialização da maior intensidade, mas durante a realização destas atividades os homens aproveitam para coletarem outros produtos como o siri, o turu, o camarão e muitos outros alimentos encontrados por estes homens, que servem não só para a alimentação familiar como para venda, dependendo da produção, pois estes produtos são coletados com menor intensidade.

A agricultura observada em Caratateua é a de subsistência, que é praticada no âmbito doméstico e possui grande importância na dieta alimentar.

Para a mulher, o trabalho diário depende do dia da semana. Na segunda-feira, a mulher caratateuense não cata caranguejo pela parte da manhã, já que o domingo é o dia de descanso dos tiradores, por isso ela pode acordar um pouco mais tarde. Além disso, ela realiza outros serviços como preparar as crianças para irem à escola, lavar a roupa, varrer e arrumar a casa e preparar as refeições. Depois desses serviços ela sai para o porto, onde vai esperar a chegada dos botes que trazem o caranguejo, que irão cozinhar e catar até mais ou menos meia noite, dependendo da produção.

Os homens quando não estão pescando ou capturando caranguejo, Motta-Maués, 1993 p.17, afirma que "... geralmente ficam sem se ocupar com coisa alguma, conversando com os outros nas ruas ou no comércio, onde aproveitam para beber (especialmente cachaça ou cerveja), sendo raro aquele que ajuda nos trabalhos diários".

A coleta, comercialização do caranguejo.

A atividade de coleta do caranguejo até meados da década de 1970 era realizada apenas como complemento alimentar na fase do ciclo biológico do caranguejo, em que este sai da toca, quando a captura é facilitada.

Após 1977, período em que a atividade de coleta passa a se voltar exclusivamente para o mercado externo, houve um aumento do contingente e da especialização na coleta do caranguejo, o que pode ser explicado por ser um trabalho em que o homem não

necessita dispor de equipamentos e recursos financeiros, por não ter que passar muitos dias longe de casa como os pescadores e principalmente por conseguir lucros mais rápido.

Em geral, muitos homens deixaram atividades como agricultura e pesca e passaram a se dedicar a coleta do caranguejo, realizando esta atividade de segunda até sexta-feira e muitas vezes até aos sábados, dependendo da oferta do produto, pois nas semanas em que conseguem uma boa produção, muitos homens realizam a atividade nos sábados, pois sabem que terão lucro garantido, mas nas semanas em que a captura não está na da bem, eles preferem não se arrisarem.

Estes homens trabalham o ano inteiro, não tendo direito a férias e encontram dificuldades para definir-se quanto a sua categoria profissional, essa dificuldade faz com que muitas vezes, não se associem à colônia de pescadores, isso acaba prejudicando o reconhecimento de sua identidade profissional e a organização de sua categoria, já que não se consideram pescadores, pois para eles pescador trabalha no mar, enquanto que tirador de caranguejo trabalha no mangue.

O complexo de trabalho no cenário homem e recurso caranguejo Caratateua, destaca-se como uma das atividades mais importantes para a estrutura econômica da comunidade. O sistema de produção do caranguejo é essencialmente moderno, ou seja, tiração para o beneficiamento da carne e exportação, baseada na relação patrão e empregado e no sistema de aviamento.

Os coletores de caranguejo saem nos barcos dos patrões, que deslocam-se do porto na vazante da maré e ao chegar ao mangue os tiradores se distribuem em dois ou três indivíduos ao longo do igarapé até seus limites, sendo que cada um coleta para si os caranguejos que conseguem, mas apesar da coleta individual percebe-se uma certa relação social entre os indivíduos mais próximos, ligados por laços de vizinhança ou mesmo de parentesco que os levam a ter maior afinidade no momento de se deslocarem no interior do mangue.

A técnica de captura mais antiga é feita introduzindo-se o braço na toca, atualmente existem outras técnicas como a tapagem, o laço, o uso de sapatos e luvas o que fazem com que a coleta seja mais rápida proporcionando um aumento da produção. Logo após a captura o caranguejo é morto e ainda no mangue é tirado do casco, lavado e colocado em uma espécie de rede que é feita com corda fina, a mesma tem forma de um saco e é nela que o caranguejo chega à Vila onde é esperado pelas mulheres que levam para

ser cozido e catado. Na comunidade não se vende o caranguejo em feiras, como em Bragança, já que a coleta é destinada exclusivamente a catação para exportação e não para o consumo.

O tempo dos coletores no local de trabalho (mangue) vai até a enchente da maré, momento em que a água começa a cobrir o mangue, é a hora de colocar a produção no barco e voltar para a comunidade onde a produção é recebida pelas mulheres que farão o beneficiamento para que a polpa seja vendida ao dono do barco que conduz os coletores ao mangue, caso queira vender sua produção a outro comerciante terá de pagar o frete pelo uso do barco, por isso preferem vender diretamente ao dono do barco.

Os coletores de caranguejo possuem um rico conhecimento do mangue, mesmo tendo este conhecimento eles acham à profissão perigosa, devido passarem muito tempo no mangue correndo o risco de se machucarem em tocos, serem picados por cobras, de se perderem.

No que se refere ao escoamento da produção, verificou-se que nos períodos de janeiro a março os tiradores de caranguejo conseguem uma boa produção, só que no período de abril a junho a produção diminui, pois é justamente neste período que os crustáceos começam a fechar as tocas, onde, permanecem para mudar os cascos, logo após a troca, as cascas apresentam-se de cor branca e azulada. Considera-se que nesta época eles encontram-se magros, sendo menos saborosos, essa situação muda nos meses de julho e agosto, período que saem da oca e ficam mais gordos, mas é a partir do mês de setembro que a coleta alcança sua melhor etapa, pois é justamente neste período que os caranguejos encontram-se bem gordos e saborosos, permanecendo assim até o mês de dezembro.

Todos os dias saem da Vila de Caratateua cerca de 500 quilos de polpa de caranguejo que é vendida nos municípios vizinhos, sendo que o homem que se arrisca no mangue para conseguir capturar o tão valioso produto, juntamente com sua esposa que dedica grande parte do seu dia para catar este produto são os que menos lucram com esta atividade e vêem os anos passando sem esperança de um dia terem seu trabalho valorizado, para darem melhores condições de vida a seus filhos.

A catação do caranguejo: um trabalho feminino

A catação do caranguejo em Caratateua é concebida, pelos membros da comunidade, como um domínio feminino indispensável para a complementação da renda

familiar, visto que, o extrativismo do caranguejo e a pesca são trabalhos exclusivos do homem e a catação é da mulher devido ao seu estado biológico.

A mulher caratateuense que precisa ajudar na renda familiar e não tendo outro trabalho a realizar dentro da comunidade, já que não teve oportunidade de estudar, pois muito cedo arrumou família e teve que parar de estudar, empenha-se na catação do caranguejo, trabalho este que realiza desde a infância, antes para ajudar a mãe e agora para ajudar o marido nas despesas da casa, obrigando-se a trabalhos diários de no mínimo dez horas, o que dificulta o seu papel de dona de casa que precisa cuidar da alimentação da família e dos filhos, que muitas vezes por falta de tempo são deixados um pouco de lado, pois precisam desta renda para garantir o sustento da mesma, visto que para estas mulheres este é o único meio de sobrevivência existente.

A catação do caranguejo ocorre tanto em casa, quanto na associação de beneficiamento de polpa do caranguejo. De modo que, as mulheres que trabalham em casa tem condições de dá maior atenção aos filhos e cuidar dos afazeres domésticos, mas tal pratica, faz com que muitas vezes, o trabalho deixasse de ter um controle de higienização, diferente do trabalho realizado na associação beneficiamento de polpa do caranguejo que é realizado em cima de mesas e todas as mulheres usavam luvas, aventais e toucas.

Estas mulheres não possuem nenhuma assistência à saúde, já que no posto de saúde, os únicos trabalhos oferecidos é o de vacinação e curativos, fazendo com que tais mulheres não encontram outra alternativa a não ser recorrer a curandeiras, que é muito comum dentro da comunidade.

Outra mudança significativa que ocorreu foi à criação da Benepolpa (Associação de Beneficiamento da polpa do caranguejo.) que de acordo com seu presidente Sr. Miguel Mota de Oliveira, começou com estudos e análises feitas pelo Projeto MADAM (Dinâmica e Manejo em Áreas de Manguezal) que vinha desenvolvendo pesquisas sobre o desenvolvimento do caranguejo na região costeira do Município de Bragança juntamente com a Universidade Federal do Pará em parceria com a Colônia de Pescadores e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bragança.

A Vila de Caratateua é há muito tempo uma comunidade que produz grande quantidade de polpa de caranguejo e mesmo sem as devidas condições de higiene, vende através dos atravessadores para todos os municípios do Estado do Pará e até mesmo para outros estados do Brasil. Toda a produção era feita nas residências por donas de casa que

veem neste trabalho a maneira de adquirir recursos para complementar o sustento da família.

De posse desses dados, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bragança, juntamente com algumas pessoas de Caratateua que tinham influência junto a Colônia de Pescadores e a Associação de Pescadores e em parceria com o PRO-RENDIA (Linha de Crédito do Banco do Brasil e Basa), PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), PDA (Plano de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia), entre outros formaram uma equipe de aproximadamente quinze senhoras catadoras de caranguejo desta comunidade e idealizaram um projeto de catação do caranguejo.

No entanto o dinheiro que saiu foi mal administrado e só em meados do ano 2001, foi construída a unidade de beneficiamento, mas sem as devidas estruturas que eram para serem feitas de acordo com o que foi elaborado pelo projeto. Em junho de 2004 houve uma reunião com o grupo de mulheres onde foi pedida a ajuda do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Micro Empresa) que direcionou para novos rumos, mandando recursos de aperfeiçoamento, de higiene, de manejo do caranguejo, de formulações de preços, embutidos e defumados e muitas outras técnicas.

Só em novembro de 2005, depois de várias promoções e doações foi possível registrar em cartório toda a associação e regularizar junto à Receita Federal. No dia nove de dezembro de 2005 a Benepolpa foi colocada em funcionamento com aproximadamente 80% dos pré-requisitos exigidos das condições de higiene e respeito às condições ambientais.

Embora, a criação de associação de beneficiamento fosse o meio de sobrevivência de várias mulheres, a profissão de catadora de caranguejo não é valorizada, já que o lucro obtido com este ofício é pouco, por isso a mulher da Caratateua só assume essa profissão quando não existe outra opção de trabalho, mas na hora em que surge a oportunidade de abandonar este trabalho, não pensa duas vezes e deixa de lado a catação, na esperança de nunca mais ter que voltar ao antigo trabalho.

Outras ocupações, outros status.

O universo feminino da Vila de Caratateua é muito grande, além das catadoras existem outros trabalhos realizados na comunidade, sendo que o de catadora é o menos reconhecido, visto que é um trabalho árduo e de lucro muito baixo.

Poucas são as mulheres que conseguiram escapar deste trabalho compulsório e conseguiram outra profissão para sobreviver. O maior número de mulheres que conseguiram se formar em magistério e exercem a profissão trabalhando na comunidade como professoras da prefeitura municipal. Estas mulheres acreditam que hoje está mais fácil aos jovens, já que na comunidade podem cursar até o Ensino Médio, enquanto que no tempo em que estudavam tinham que vim para Bragança trabalhar em casas de família para poderem continuar os estudos, que só era oferecido na comunidade até a 4ª série do Ensino Fundamental, mas conseguiram vencer os obstáculos e hoje podem trabalhar para garantirem o sustento dos filhos.

Além das professoras existem as enfermeiras, as agentes comunitárias e as idosas que são assalariadas, as outras mulheres quase todas vivem da profissão de catadora. Algumas destas mulheres estudaram, mas não conseguiram um emprego, por isso, se sentem desestimuladas por não terem oportunidade de conseguir um emprego, onde sejam assalariadas, por isso continuam com a antiga profissão.

Existem também as costureiras e as empregadas doméstica que de acordo com elas, não ganham muito, mas é melhor do que ser catadora. Já as mulheres de comerciantes não precisam catar caranguejo, se dedicam a cuidar dos filhos e a ajudar os maridos nos negócios. As esposas de donos de barco, só recorrem ao antigo trabalho num momento de dificuldade, mas geralmente suas filhas exercem a profissão, para adquirirem os objetos que desejam, pois o que o pai ganha só é suficiente para a alimentação da família.

As esposas de marreteiros, só exercem a profissão de catadora quando existe uma produção muito grande, isso para aumentar o lucro do marido.

Todas essas mulheres um dia foram catadoras e hoje fazem o possível para sobreviver e não ter que voltar a antiga profissão, que para elas é um trabalho sacrificante devido à baixa remuneração.

A religiosidade da mulher caratateuense é bem marcante, e elas dedicam-se ao máximo para que as festas religiosas como o Círio e a Festa de São Sebastião sejam cada vez mais atrativas. Além de terem seus santos de devoção, muitas destas mulheres acreditam em poderes sobrenaturais, precisando recorrer aos cuidados de uma benzedeira em casos de doenças como: febre, dores abdominais, quebrantos e outros. Em Caratateua as mulheres que ficam grávidas são tratadas por parteiras que puxam a barriga para colocarem a criança na posição certa e também fazem o parto quando a mãe não tem condições de

procurar um hospital. Estas mulheres usam o seu conhecimento acompanhados de rezas para que tudo seja bem sucedido.

Geralmente essas mulheres nunca entraram em uma sala de aula, outras tiveram que abandonar os estudos por terem constituído família muito cedo, por isso, acreditam que os filhos que estão na escola são as únicas esperanças de um futuro melhor, muito embora o que se observa é que grande parte destes jovens não conseguem chegar ao ensino médio, pois os meninos precisam ajudar o pai nas atividades de pesca ou no manguezal ou até mesmo porque cedo arrumaram esposas e precisam sustenta-las.

Já as meninas acabam deixando os estudos porque ficam grávidas e acabam casando-se, o certo é que umas boas partes destes jovens seguem os caminhos dos pais e não conseguem realizar o sonho destas mulheres que vêem nos filhos à única oportunidade de uma vida melhor.

Considerações Finais

O término dessa pesquisa, depois de muitos questionamentos conclui-se que a organização social do trabalho dentro do sistema familiar de produção do caranguejo, segue um modelo bipolar de divisão do trabalho, que se caracteriza pela ênfase que é dada a distinção das atividades e espaços de acordo com os gêneros. Tornam-se nítidos, então, dois papéis bem distintos nesse processo: os homens são responsáveis pela coleta do mangue, já as mulheres ficam restritas ao ambiente doméstico onde realizam o beneficiamento. Trabalho este que empenham no período de pré e pós coleta, realizando tais atividades enquanto cuidam da casa e dos filhos, pois é a mulher que prepara a alimentação do marido antes da ida ao mangue, costura e remenda as luvas e roupas de trabalho no mangue e cata o produto que é coletado pelos homens; trabalho este de baixo preço e disponível, já que não encontram outra oportunidade de trabalho, pois o nível de escolaridade destas mulheres é muito baixo.

Este trabalho feminino é tido como uma complementação da renda familiar, garantindo a compra de produtos para subsistência como alimentos e roupas, ou seja, realiza este trabalho para tentar suprir as necessidades básicas da família, através da complementação da renda do marido, o que a faz possuir um status de inferioridade, sujeição e dominação, assumindo em relação ao homem uma posição de total dependência, isso de acordo com o que foi observado por Motta-Maué em Itapuá devido à mulher

participar de processos eminentemente naturais como menstruação, gravidez, puerpério e menopausa o que faz transitar em dois mundos, tornando-a um ser perigoso, por isso é impedida de realizar atividades como pesca e coleta do caranguejo.

Por tanto fazendo uma comparação entre Itapuá e Caratateua, observa-se que em Itapuá na década de 70 a mulher praticamente não tinha escapatória de fugir de trabalhos compulsórios, enquanto que a mulher em Caratateua dos anos 2000 começa a encontrar meios para escapar desse trabalho compulsório, pois algumas mulheres dedicam-se ao estudo para conseguir outras profissões que possa retirá-las dessa condição de sujeição em relação ao homem.

Desta forma conclui-se que a posição social da mulher catadora de caranguejo em Caratateua, é inferior à do homem e das mulheres que exercem outras profissões, pois ser catadora é realizar uma profissão que não é reconhecida tanto pelos homens como pelas próprias catadoras, o que dificulta a conquista da cidadania de qualidade e de relações entre homens e mulheres, sendo assim é necessário que a mulher deixe de ser vista apenas como “dona de casa” e passe a ser reconhecida como uma profissional que garante a articulação e manutenção da família, conseqüentemente será possível vislumbrar relações sociais menos hierarquizadas e assimétricas.

Referências

ALVES, Élio de Jesus Pantoja. Relatório das “Formas de Utilização Social do Manguezal no Litoral do Pará, o caso de Bragança.” Belém, 1998.

BLANDTT, Lucinaldo S. “O homem e o recurso caranguejo: economia e educação”. Monografia. Bragança, UFPA, 2000.

FURTADO, Lourdes G. “Pescadores do Rio Amazonas: Um estudo Antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1993.

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

MAGALHÃES, André Luiz Perez e SILVA, Rossivaldo Sampaio. Relatório da Participação do Trabalho Feminino no Sistema de Produção do Caranguejo. Bragança, 2001.

MANESCHY, Maria Cristina. Ajuruteua: uma comunidade pesqueira ameaçada. Belém: UFPA\ CFCH, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Memória da Antropologia da Antropologia da Amazônia ou como fazer ciência no ‘paraíso dos etnólogos’” IN Uma outra invenção da Amazônia. Belém, Cejup, 1999: 27-54.

MOTTA – MAUÉS, Maria Angélica. O dom xamanístico e a sujeição feminina numa comunidade amazônica. Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, I Antropologia, p. 4-14, Belém, UFPA, 1980.

_____. “Trabalhadeira e Camarados”. Relações de Gêneros, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. 1ª edição. Belém: Editora Universitária, 1993.

_____. “Pesca de homem\ Peixe de Mulher (?): Repensando Gênero na Literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil” |N Etnográfica. Vol III (2), 1999: 377-399.

SOUSA, Isabel Soares. “Aviamento e Reciprocidade: Estudo da Vila de Pescadores Apeú Salvador – Viseu”. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Belém, UFPA. 2000.

VILLACORTA, Gisela Macambira. “As Mulheres do Pássaro da Noite: Pajelança e Feitiçaria na Região do Salgado (Nordeste do Pará). Dissertação de mestrado em Antropologia. Belém, UFPA, 2000.